

A DAMA DE ESPADAS: a “orquídea” bibliográfica do acervo de Raymundo Castro Maya

Rubens da Silva Ferreira

Doutor em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Docente da Universidade Federal do Pará.
E-mail: rubenspa@yahoo.com.br

Denise Maria da Silva Batista

Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Bibliotecária no Museu Chácara do Céu.
E-mail: denisebatista@ig.com.br

RESUMO

Estudo sobre o livro confeccionado em seda que integra o acervo de Raymundo Ottoni de Castro Maya. Trata-se da obra “A dama de espadas”, escrita por Alexandre Puschkin. O exemplar em estudo é uma edição produzida para os membros da Confraria Bibliófila Brasileira *Cattleya Alba* nos anos de 1940. Em termos metodológicos, o estudo é conduzido pela análise de quatro eixos relacionados a esse livro, a saber: (1) a autoridade; (2) o físico; (3) o estético; e (4) o singular. Em linhas gerais, verifica-se que a edição em seda de “A dama de espadas” consiste em uma obra de arte não somente no sentido literário, mas também em sua composição e visualidade estética. Esses aspectos fazem desse livro um interessante objeto de estudo para pesquisadores e estudantes de Biblioteconomia no Brasil.

Palavras-chave: História do Livro. Livro. Raymundo Ottoni de Castro Maya.

THE QUEEN OF SPADES: the bibliographic “orchid” of Raymundo Castro Maya’s collection

ABSTRACT

Study on the book made of silk that integrates Raymundo Ottoni de Castro Maya’s collection. It is about the work “The queen of spades”, written by Alexander Pushkin. The example under study is an edition produced for the members of the Confraria Bibliófila Brasileira *Cattleya Alba* in the year 1940. In terms of methodology, the study is conducted by the analysis of four axes related to the book, namely: (1) the authority; (2) the physical; (3) the aesthetic; and (4) the singular. In general, it is verified that silk edition of “The queen of spades” consists in a work of art not only in the literary sense, but also in its composition and aesthetic visuality. These aspects make this book an interesting object of study for researchers and students of Librarianship in Brazil.

Keywords: History of the Book. Book. Raymundo Ottoni de Castro Maya

1 INTRODUÇÃO

A disciplina História do Livro ou História do Livro e das Bibliotecas, tal como sugere o próprio nome, mobiliza uma diversidade de informações e de conhecimentos sobre o livro em suas particularidades históricas, técnicas e socioculturais. Todavia, normalmente os manuais remetem os estudantes/leitores a peculiaridades bibliográficas de bibliotecas e/ou de museus de outros países, falando de realidades que soam como algo muito distante, sobretudo para docentes e discentes dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Nesse sentido, este trabalho se propõe a fazer um estudo sobre o livro "A dama de espadas", de Alexandre Puschkin (1799-1837), precisamente o exemplar de número 102, traduzido do russo para a língua portuguesa por Alvaro Moreyra, possivelmente publicado em 1945¹, e adquirido por Raymundo Ottoni de Castro Maya quando membro da confraria denominada *Cattleya Alba*.

Ao tomar para estudo o exemplar em tela de "A dama de espadas", procurou-se saber os aspectos que tornam esse produto bibliográfico tão particular no acervo de obras raras do Museu da Chácara do Céu. Desse modo, com o auxílio da fotografia, principalmente da pesquisa bibliográfica e documental, notadamente para a obtenção de informações complementares, coletadas a partir de fontes primárias e secundárias, o estudo é conduzido com base em quatro eixos de análise, a saber: (1) a autoridade, relacionada às pessoas físicas e/ou jurídicas diretamente envolvidas na produção do livro, identificando-as pelo trabalho realizado por cada uma delas; (2) o físico, relacionado ao material utilizado na confecção da obra, bem como às características que apresenta do ponto de vista da forma; (3) o estético, relacionado à expressão visual e artística do exemplar; e, por fim, (4) o singular, relacionado às particularidades que individualizam o livro em meio à coleção, tornando-o único.

Diante do que foi exposto, este estudo segue organizado em outras três partes complementares a esta introdução. Na parte segunda, a atenção é dada a um esboço biográfico sobre o proprietário do livro, Raymundo Ottoni de Castro Maya, bem como à instituição depositária do exemplar de "A dama de espadas", o Museu da Chácara do Céu. A terceira parte é dedicada às observações produzidas pelo estudo, apresentadas de

¹ Segundo os termos da adesão assinada pelos membros do Grupo de Sócios Regulares, em 1944 seriam publicados, além de "A dama de espada", os livros: "Lendas brasileiras", "Lisístrata" e "Conto de inverno". No entanto, o primeiro da lista, "Lendas brasileiras", foi publicado somente em 1945, e o quarto, "Conto de inverno", em 1946, motivo pelo qual acreditamos que "A dama de espadas" foi produzido em 1945.

acordo com os aspectos discriminados quanto à metodologia desenhada para analisar o livro a que se teve acesso. Por fim, a última parte é reservada às considerações finais, em que se destaca não apenas o material utilizado na confecção do exemplar de “A dama de espadas”, mas também os elementos informativos que se associam a ele no sentido de permitir que se conheça mais sobre a obra e sobre aquele a quem pertenceu.

2 RAYMUNDO OTTONI DE CASTRO MAYA: UM CULTIVADOR DE “ORQUÍDEAS” BIBLIOGRÁFICAS

Raymundo Ottoni de Castro Maya, ou Castro Maya, era filho do engenheiro Raymundo de Castro Maya e de Theodosia Ottoni de Castro Maya. Ele nasceu em Paris, França, em 22 de março de 1894, exatamente no período em que o pai exercia a função de vice-cônsul do Brasil naquela cidade. O falecimento ocorreu em 29 de julho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, capital que tanto amou. De família de elevado padrão sociocultural – o que justificou o convite para que o pai fosse o responsável pela educação dos netos do Imperador D. Pedro II –, Castro Maya adquiriu desde muito cedo o interesse pelas artes, motivo pelo qual investiu parte de sua vida e recursos no colecionismo de raridades. Um *habitus* no mais puro sentido de Bourdieu (2010), ou seja, uma prática tão naturalizada pelo cultivo familiar que o levou à paixão pela pintura, pelo desenho e pelos livros.

Aliás, as coleções de arte herdadas do pai provavelmente inspiraram Castro Maya nas aquisições pessoais que realizou a partir dos anos de 1920. De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural ([2016]), os bens artísticos deixados pelo pai remontam ao final do século XIX, quando o mesmo participou de um leilão, em Paris, arrematando telas de artistas como Gustave Courbet, Louis Bédouin, Henri Rousseau, e, posteriormente, dentre outros, de Constant Troyon e de Marie-Rosalie Bonheur, famosos pela pintura de paisagens e de animais. A partir dessa herança, e conforme a mesma fonte citada, outras obras de arte foram pouco a pouco sendo acrescentadas a uma coleção privada que, até 1968, perfazia um total de 22 mil itens, os quais atualmente se encontram distribuídos entre o Museu da Chácara do Céu e o Museu do Açude, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Bacharel em direito e empresário do setor industrial que explorava gorduras e óleos vegetais, Castro Maya foi homem muito atuante no cenário cultural carioca. Entre

outros feitos é possível destacar, conforme Siqueira (2010): a criação da Sociedade Os Cem Bibliófilos do Brasil (SCBB), em 1943; a participação na fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), em 1948; a criação da Sociedade Os Amigos da Gravura (SAG), em 1952; e, a criação da Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya, em 1963. Todavia, em um trabalho que se volta para o estudo de um livro em particular, e que por isso pretende oferecer um contrito à História do Livro no Brasil, chama a atenção na biografia de Castro Maya o interesse que teve por um suporte impresso de informação. Um suporte ao qual esteve muito ligado em vida, fosse como leitor, colecionador ou como editor. Nesse último caso, Siqueira (2010) informa que Castro Maya editou duas importantes obras, precisamente “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, em 1954, com iconografias de Jean-Baptiste Debret; e “A muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, em 1965, com textos de Gilberto Ferrez.

Como bibliófilo, Castro Maya criou e dirigiu a já mencionada SCBB, que segundo o artigo primeiro dos seus Estatutos² tinha por finalidade, “publicar obras primas de autores brasileiros, ou livros sobre o Brasil, em tiragens limitadas impressas em papel de luxo” (BATISTA, 2012, p. 63). A inspiração para a criação da SCBB, segundo Bosson (2000), veio provavelmente das sociedades bibliófilas francesas como a *Société des Amis des Livres*, a *Société du Livre d’Art* e a sociedade francesa *Les Cent Bibliophiles*³, da qual o pai e o próprio Castro Maya foram confrades. A SCBB de Castro Maya era composta por pessoas físicas e/ou jurídicas, tais como: D. Pedro de Orleans e Bragança; Afrânio Peixoto; Cipriano Amoroso Costa; José Mindlin; Gilberto Chateaubriand; Gilberto Ferrez; Maria Vitória Martinelli; Jockey Clube Brasileiro; Rubens Borba de Moraes; Plínio Doyle; Jockey Club de São Paulo; Israel Klabin; Francisco Matarazzo Sobrinho; Yolanda Penteado Matarazzo; Zaira Giovanna Bonino; João Adolpho Saavedara; Carlos Guinle; Ernesto Wolf; Walter Moreira Salles; Max Fischer; Pedro da Silva Nava; Carlos Lacerda e Roberto Marinho, entre outros (BATISTA, 2012; SIQUEIRA, 2010; MARTINEZ BARRIOS, 2008).

A SCBB dedicava-se a produzir livros de elevada qualidade editorial e gráfica para seus associados. Inclusive atribui-se às edições dessa sociedade a afirmação da gravura de arte no Brasil, tal como observa Knychala (2000). Foi buscando ampliar o trabalho de valorização da gravura como obra de arte – que já vinha sendo desenvolvido pela SCBB

² Estatutos da SCBB (ACM, p. 100, Doc. 2).

³ De acordo com Martinez Barrios (2008), a primeira sociedade bibliófila surgiu na Inglaterra, em 1812, então denominada *Roxburghe Club*.

nas obras que editava – que Castro Maya criou a SAG⁴. Entre os artistas que produziram trabalhos para essa sociedade, que contava com 90 sócios, encontram-se Athos Bulcão, Fayga Ostrower, Oswaldo Goeldi e Di Cavalcanti, gravadores que deixaram suas marcas indeléveis na arte brasileira e de uma produção artística internacionalmente reconhecida.

Embora a SCBB contasse com a afiliação de 100 membros, as tiragens de livros eram sempre em número maior. Siqueira (2010) fala em 119 unidades, Martinez Barrios (2008), por sua vez, arredonda para 120, aliás, o mesmo quantitativo mencionado por Batista (2012). Qual fosse o número exato de exemplares impressos de um título, o fato é que o excedente tinha destino certo: bibliotecas importantes do país e do exterior. Com base em Martinez Barrios (2008), as características marcantes das 23 obras editadas pela SCBB, no período 1944-1969, podem ser resumidas da seguinte forma: (1) a tiragem era limitada para o maior controle da qualidade editorial; (2) todos os exemplares eram numerados; (3) as ilustrações eram produzidas por artistas de renome⁵; e (4) as impressões eram feitas sobre material de alta qualidade. Essas mesmas características também se refletem em outra sociedade bibliófila a qual Castro Maya se filiou, e da qual se falará mais adiante: a *Cattleya Alba*.

3 ESPAÇOS DE RARAS “ORQUÍDEAS”: OS MUSEUS E A BIBLIOTECA DE CASTRO MAYA

Os Museus Castro Maya, localizados na cidade do Rio de Janeiro, são oriundos da Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya, fundada em 1962⁶ e extinta em 1983, ano em que foram incorporados pelo Governo Federal. A instituição é formada pelo Museu do Açude, situado no Alto da Boa Vista, e o Museu da Chácara do Céu, situado em Santa Teresa. De acordo com o último inventário realizado em 2010, a coleção desses museus é composta por cerca de 27.000 objetos. Fazem parte dessa coleção: pinturas; gravuras; esculturas; instalações; azulejos portugueses e holandeses; mobiliário luso-brasileiro; arte oriental; tapeçaria; arte popular; prataria; fotografias e livros, entre outros objetos.

⁴ Carta-convite de Castro Maya aos sócios da SCBB, em papel timbrado da SCBB (ACM, p. 93, Doc. 1).

⁵ Entre os artistas convidados para ilustrar os livros dessa sociedade, têm-se, de acordo com Martinez Barrios (2008), Candido Portinari, Poty, Mario Cravo, Di Cavalcanti, Carybe e Maciej Babinski.

⁶ Escritura de instituição da Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya. (ACM, PPM 40).

Desses espaços museais que bem podem ser vistos como “jardins” dos quais afloram raridades, destacam-se: (1) o magnífico conjunto de aquarelas e desenhos de Jean Baptiste Debret; (2) uma das maiores coleções públicas de obras do pintor Cândido Portinari; (3) um conjunto de arte popular com destaque para as inúmeras esculturas de Mestre Vitalino; a (4) Coleção Brasiliana, que inclui pinturas e livros de artistas e de viajantes do século XIX, como Johann Moritz Rugendas, Nicolas Antoine Taunay, Spix e Martius e Maria Graham, entre outros.

Ao se pensar na relação que se desenvolve entre o livro e o seu leitor, e no caso de Castro Maya, também o interesse pela coleção, é interessante refletir sobre o que diz Anaildo Baraçal. Segundo observa esse autor:

Costuma-se dizer que ler um livro é fazer uma viagem ao mundo aberto de emoções. Percorrer uma biblioteca, então, é ter o mundo à mão. Se a biblioteca for a de um bibliófilo, o mundo passa a ser o filtrado pela personalidade, interesses e emoções particulares do colecionador, cuja seleção bibliográfica demonstra o modo como procura recortar o mundo, reorganizando-o através de páginas impressas (BARAÇAL, 2000, p. 85).

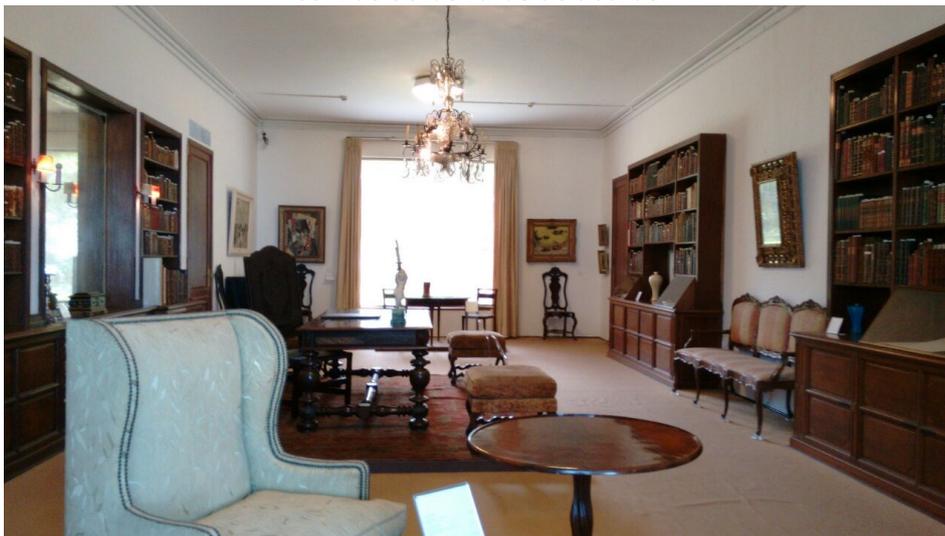
É bem verdade que o capital cultural como trabalhado por Bourdieu (2010)⁷ teve papel significativo no interesse de Castro Maya pelo colecionismo, com destaque para as obras da literatura francesa e pela chamada literatura de viagens. Interesse que também atravessa as preferências de leitura de seus familiares. Com efeito, e conforme Batista (2012) pode-se especular – e em certos casos confirmar – a contribuição da família dele na formação do acervo bibliográfico de obras raras, atualmente custodiadas pelo Museu da Chácara do Céu. Nessa direção, os livros sobre política, filosofia e economia provavelmente pertenceram a um dos irmãos, Paulo de Castro Maya. Já os de cunho religioso eram da mãe, Theodosia, e os de numismática, colecionados pelo pai.

A biblioteca depositária da coleção, ao mesmo tempo “jardim” e “guardiã” da “rara orquídea”, editada pela *Cattleya Alba*, encontra-se instalada no Museu da Chácara do Céu. Ela se divide em dois ambientes: no setor técnico do Museu encontra-se o acervo geral, e no setor de exposição, que aparece na Fotografia 1, o acervo de obras raras. Deve ser dito que a biblioteca de obras raras bem como a sala de jantar são os únicos espaços do museu que conservam a configuração original do que um dia já foi uma sofisticada residência.

⁷ O capital cultural pode ser entendido a partir de Bourdieu (2010) como o volume de informações e de conhecimentos que o indivíduo incorpora inicialmente no ambiente familiar e depois o amplia na medida em que entra em contato com outros espaços de socialização, tais como a escola e a universidade.

Além dos já citados livros de viajantes do século XIX que compõe o acervo bibliográfico, pode-se também notar diversas publicações oriundas das sociedades bibliófilas das quais participaram Castro Maya e o pai. É dentre tantas preciosidades desse acervo, composto por mais de 800 exemplares, que se optou neste trabalho por destacar o livro “A dama de espadas”, de Alexandre Puschkin, tal como será tratado a seguir.

Fotografia 1: Setor de exposição da biblioteca do Museu da Chácara do Céu com as obras raras do acervo.



Fonte: D.S.B., 2016.

4 A DAMA DE ESPADAS: A “ORQUÍDEA” DE UMA COLEÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Antes de adentrar nas considerações sobre o livro em seda que pertenceu a Castro Maya, dois comentários precisam ser feitos, sendo um deles referente à metodologia aqui utilizada e outro ao uso das metáforas neste texto.

Sobre a metodologia, cabe informar que foi concebida uma matriz de dados em planilha do Excel, a fim de viabilizar o registro das evidências e dos elementos observados em cada um dos quatro eixos que se procurou analisar no livro. Assim, para o eixo autoridade foram registrados dados sobre: autor; tradutor; ilustrador; impressor; encadernador; e fornecedor do suporte. Para o eixo físico: tipo de suporte; estado de conservação; dimensões físicas (cm); encadernação; e paginação. Para o eixo estético: número de ilustrações; técnica de ilustração; cores; e elementos representados (pessoas,

animais, construções, paisagens e objetos). E, finalmente, para o eixo singular: marcas individuais (*ex-libris*, número do exemplar e assinaturas). O uso da câmera fotográfica digital foi necessário ao registro visual das características e dos elementos informativos que constam em “A dama de espadas”, precisamente àqueles que se referem às ilustrações, ao texto e à *Cattleya Alba*, de maneira que os autores deste estudo pudessem voltar o olhar para o livro em seus detalhes de qualquer local e quantas vezes fossem necessárias. Além disso, realizou-se também a leitura completa da obra para a tomada de notas. Assim, devidamente registrados, esse conjunto de dados foi articulado com informações encontradas nas fontes reunidas por ocasião do levantamento bibliográfico e documental, a fim de se construir um texto coerente sobre o livro tomado para estudo.

Quando às metáforas utilizadas neste texto como *cultivador*, *orquídea* e *jardim* elas têm sido utilizadas até aqui sem que tenham sido devidamente esclarecidas. Desse modo, para que o leitor possa entender a razão pelas quais elas são empregadas é imperativo que se diga que elas derivam exatamente da obra que aqui se pretende estudar. No exemplar a que se teve acesso, o de número 102 de “A dama de espadas”, produzido pela confraria *Cattleya Alba*, encontra-se a seguinte inscrição: “A *Cattleya Alba* é a mais pura e a mais rara *orquídea* do Brasil. As nossas edições serão como a *Cattleya Alba*” (PUSCHKIN, [1945?], não paginado, grifo nosso).

Tal como a SCBB, a Confraria Bibliófila Brasileira *Cattleya Alba* tinha por finalidade produzir edições anuais de requinte para seus membros, confeccionando-as com características que lhes atribuiriam o *status* de uma raridade bibliográfica, tal como a referência que fazem à orquídea que dá nome a essa sociedade. A biblioteca, por sua vez, é um espaço no qual estão reunidas muitas raridades, inclusive “A dama de espadas”, motivo pelo qual é tratada neste trabalho como uma espécie de “jardim”, com “flores” (livros) das quais emanam informação, conhecimento, arte e cultura. Castro Maya, nessa perspectiva, é o “cultivador”. Aquele que planejou, adquiriu e cuidou para que a coleção satisfizesse seus interesses intelectuais e de leitura, deliberando sobre o que plantar, e trabalhando sobre ela a fim de que refletisse sua identidade construída nos deslocamentos entre Brasil e França.

Enquanto da SCBB Castro Maya foi o fundador, na *Cattleya Alba* ele foi confrade. Conforme consta na Declaração de Matrícula⁸, ele associou-se a ela em 14 de agosto de 1944, no mesmo ano em que foi criada. Por ordem da afiliação, naquele ano ele teve o direito de receber os quatro títulos então editados, ao preço de quinhentos cruzeiros cada. Esse quantitativo de publicações adquiridas correspondia à meta anual de livros a serem impressos pela confraria e distribuídos entre seus membros. Foi assim que Castro Maya incorporou à coleção dele as obras: “Lendas brasileiras”, de Câmara Cascudo; “A dama de espadas”, de Alexandre Puschkin; “Lisístrata”, de Aristófanes; e “Conto de inverno”, de William Shakespeare.

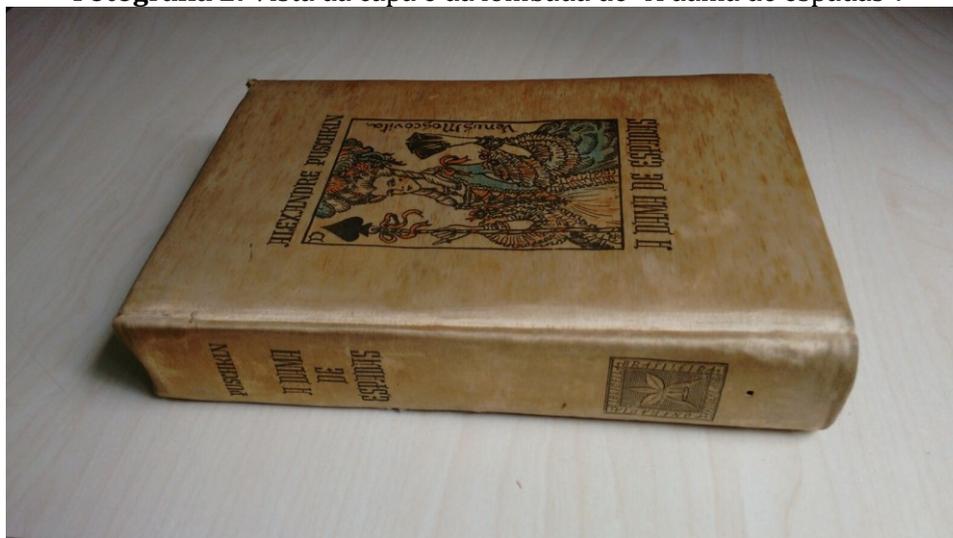
No ano da associação de Castro Maya à *Cattleya Alba*, a Diretoria responsável pelo termo de produção de livros estava a cargo de Alvaro Moreyra, Aníbal Machado, Augusto Mayer, Câmara Cascudo, Manoel de Abreu, Manoelito de Ornellas, Nilo Ruschel, Ricardo Xavier da Silveira, Leo Gerônimo Schidrowitz, Rodrigo Octavio Filho e apenas uma mulher, M. Ramos de Franco. Com sede instalada no Centro da cidade do Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor, número 5, o selo dessa corporação de amantes do livro e da leitura é apresentado na folha de guarda das obras editadas. Ele é formado por dois retângulos sobrepostos, onde o maior deles é internamente ladeado pelo nome “Confraria Bibliófila Brasileira *Cattleya Alba*”. No retângulo ao centro tem-se, em primeiro plano, uma representação estilizada da orquídea branca que nomeia essa confraria, e que se destaca sobre um fundo quadriculado em cor ocre.

O livro “A dama de espadas”, objeto deste trabalho e que aparece na Fotografia 2, é uma tradução do romance russo de Alexandre Puschkin, originalmente publicado em 1834, com o título *Pikowaja dama*. A tradução da edição da confraria em língua portuguesa é de Alvaro Moreyra. Em linhas gerais, o romance é uma crítica à aristocracia russa e ao recrudescimento do vício do jogo de cartas naquela sociedade. Assim, a “A dama de espadas” conta a história do jovem oficial alemão Hermann, um aspirante a jogador que busca descobrir da condessa Ana o segredo de se ganhar no jogo com três cartas especiais do baralho. Um segredo que só é revelado pela alma da velha aristocrata, mas que deve ser usado com cautela, em certo intervalo de tempo, e depois, esquecido para sempre. Após duas noites de jogos bem-sucedidos em um clube, em São Petersburgo,

⁸ “Declaração de Matrícula: Por meio desta faço meu ingresso na Confraria dos Bibliófilos Brasileiros “Cattleya Alba”, pelo termo de produção de 1944. [...] Raymundo de Castro Maya, 14 - 8 - 944”. (ACM, p. 102, Doc. 1).

Hermann perde ao sortear a carta fatídica: a dama de espadas, que pisca para ele. Mentalmente abalado com a derrota, o jovem ambicioso é recolhido ao hospital psiquiátrico de Oboukov, onde termina seus dias.

Fotografia 2: Vista da capa e da lombada de “A dama de espadas”.



Fonte: D.S.B., 2016.

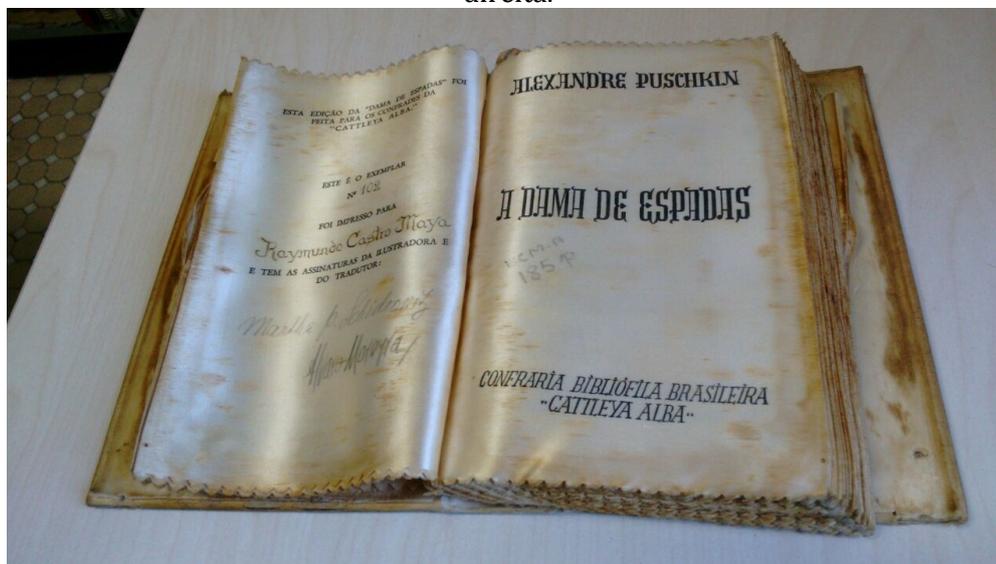
Em termos físicos, “A dama de espadas” é um livro confeccionado em tecido de seda⁹ de boa qualidade e bastante maleável ao manuseio. O tecido de muito boa densidade e de um acentuado brilho perolado foi adquirido da S. A. Fábrica de Tecidos Werner, ainda em funcionamento na cidade de Petrópolis (RJ). Apesar do bom estado de conservação e da integridade da capa, da lombada e das páginas, esse livro em seda apresenta manchas de umidade bem acentuadas nas bordas das páginas. A encadernação ficou a cargo da Livraria Geral Franco-Brasileira Ltda., localizada no Rio de Janeiro (RJ), que produziu uma capa dura, revestida com seda e costurou as páginas, reforçando a lombada com cola. Com 21 cm de altura, o livro possui 102 páginas, não numeradas, picotadas apenas nas margens superior e inferior, com corte reto na margem direita. O texto, de excelente legibilidade, é emoldurado e intercalado por 52 ilustrações.

Considerando o exemplar de Castro Maya, o de número 102, o livro em questão se singulariza em uma tiragem de 200 exemplares. Um traço que faz dele uma obra rara, ou como preferem os confrades da *Cattleya Alba*, uma “orquídea” incomum. Os exemplares

⁹ Como suporte de escrita e embora fosse de elevado custo, a seda já era utilizada na China nos anos de 475 a.C., sobretudo por sua resistência, capacidade de absorção e durabilidade. Séculos mais tarde, em 105 d. C., o papel foi inventado nesse mesmo país, tornando-se dominante na produção de livros após o advento da imprensa (LYONS, 2011).

produzidos por essa confraria deixavam espaços em branco para que os proprietários pudessem assiná-los a próprio punho, a exemplo do que fez Castro Maya logo acima das assinaturas da ilustradora e do tradutor, tal como pode ser visto na Fotografia 3. Outro elemento que individualiza esse livro é a marca do bibliófilo, isto é, a *ex-libris*. No exemplar da coleção de Castro Maya, a *ex-libris* encontra-se no canto superior esquerdo da segunda capa, sendo representada por um centauro entre a expressão latina *carpe diem*, e, logo abaixo, a assinatura: “R. de Castro Maya”.

Fotografia 3: Quatro marcas da singularidade do livro de seda do acervo de Castro Maya: o número do exemplar e as assinaturas do proprietário, da ilustradora e do tradutor na página à direita.



Fonte: D.S.B., 2016.

Acerca do caráter singular de “A dama de espadas”, traço que se estendia a todas as demais edições produzidas pela *Cattleya Alba*, há que se comentar sobre essa intencionalidade. De acordo com Faria e Pericao (2008, p. 469), em seu “Dicionário do livro”, o livro raro pode ser definido como:

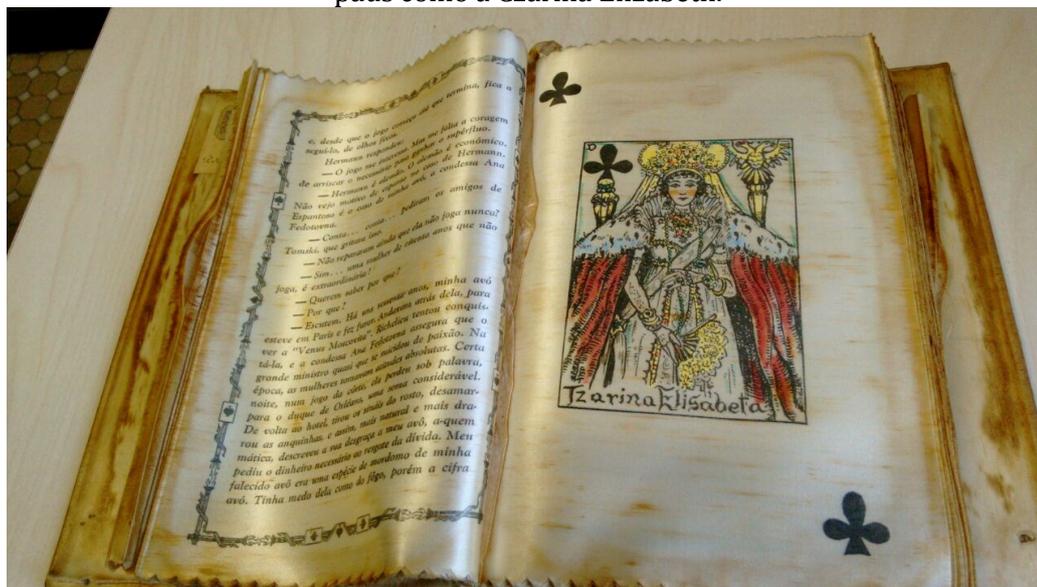
[...] detentor de alguma peculiaridade especial (antiguidade, autor célebre, conteúdo polêmico, papel, ilustração). Consideram-se geralmente livros raros os incunábulo, as publicações anteriores a 1800, as primeiras edições de obras literárias, científicas e artísticas, as obras com encadernações primorosas, as obras que pertenceram a personalidades célebres e que apresentam a sua assinatura ou notas e, sobretudo, os exemplares únicos.

As publicações da *Cattleya Alba* como “A dama de espadas” já seriam obras raras independente da vontade de seus diretores, notadamente porque reúnem vários dos atributos citados acima. Contudo, o modo como foram planejados quanto ao número limitado de exemplares e os artistas convidados para ilustrá-los evidencia o esforço de se produzir impressos para nascerem raros. Em “A dama de espadas”, essa intencionalidade emerge a partir da escolha do suporte (a seda ao invés do papel), dos espaços para as assinaturas do tradutor, da artista e do proprietário, e da técnica de ilustração.

Na edição de “A dama de espadas” produzida pela confraria *Cattleya Alba*, o livro como objeto de arte se revela logo aos olhos do colecionador/leitor. Uma evidência que vem à tona não somente pelo material em que foi confeccionado, mas, sobretudo, pela escolha da ilustradora e pelo modo como as ilustrações foram artesanalmente elaboradas, como em uma espécie de alusão ao *livro de pintor* da Paris do século XIX (MARTINEZ BARRIOS, 2008; BOSSON, 2000). Obras nas quais os autores recusavam o uso de processos mecânicos para a produção de estampas. Ao invés disso, convidavam verdadeiros artistas que pudessem imprimir personalidade e estilo às ilustrações.

Em “A dama de espadas”, Martha Pawlowna Schidrowitz inspirou-se no jogo de cartas para apresentar os principais personagens da narrativa: Hermann, Ana, Paulina, Lisabeta, Tchekalinsk, Tomski, e outros. A primeira ilustração consta logo na capa do livro, representando figurativamente o título da obra com sua Vênus Moscovita, segurando na mão direita o cetro de espadas, e, na mão esquerda, as três afortunadas cartas do baralho. Um olhar aguçado sobre as lâminas que estampam o livro mostra a delicadeza dos traços da artista, conduzidos e preenchidos à mão com o emprego do bico de pena. Nas páginas iniciais, uma curiosidade: o livro é aberto com o Czar Alexandre I (rei de copas), seguido pelo brasão do império russo, a águia bicéfala (dez de copas), e pela Czarina Elizabeth (rainhas de paus), símbolos do absolutismo contra o qual Puschkin lutou na época de uma Rússia assolada pela pobreza, tal como sinalizam as ilustrações de Martha Schidrowitz, mescladas também por cenas da vida cotidiana no campo e na cidade. Uma amostra do trabalho dessa artista pode ser visualizada na Fotografia 4.

Fotografia 4: O delicado trabalho de Martha Schidrowitz em uma representação da rainha de paus como a Czarina Elizabeth.



Fonte: D.S.B., 2016.

Nas ilustrações do livro, Martha Schidrowitz utilizou a cor verde, vermelha, laranja, azul, amarela e marrom. A artista inclusive foi uma grande colaboradora da confraria *Cattleya Alba*, não só pela relação com Leo Schidrowitz, mas em especial pelo talento na execução manual de suas pinturas, o que a levou a produzir ilustrações para as edições de “Lendas brasileiras” (1945), “Juca Mulato” (1947) e “Cyrano de Bergerac” (1948). Enfim, um trabalho plástico que combinado ao texto fluido de Alexandre Puschkin, marco na língua russa, e ao material têxtil utilizado na produção de “A dama de espadas” converte esse livro em uma rara “orquídea”, concebida para satisfazer o gosto e o desejo de colecionadores e de apreciadores da arte como Castro Maya. Uma publicação que já nasceu para ser única, sobretudo porque carrega a assinatura de seu proprietário, singularizando-a entre 200 exemplares. Única tal como é a obra de arte em seu estado mais puro.

5 PALAVRAS FINAIS

Ao tomar a palavra cultura em seu sentido etimológico, derivada do verbo latino *colere* (cultivar, cuidar de plantas), não chega a ser um exagero dizer que Castro Maya assim fez em vida no campo das artes. Nas artes plásticas, na literatura e nas artes gráficas ele foi um “cultivador” de raridades, cuja atuação como mecenas e como colecionador resultou em frutos que hoje podem ser acessados e consumidos pelo olhar do grande

público, tanto no Museu do Açude quanto no Museu da Chácara do Céu. Esse último, inclusive, espaço museal repleto de raridades bibliográficas carregadas de sentidos *para* e *sobre* seu proprietário, por meio das quais é possível conhecer, salvas as devidas proporções e lacunas biográficas, parte do modo de pensar, ser, sentir e de viver de Castro Maya.

Do ponto de vista do estudo ora apresentado, verificou-se que não somente as publicações editadas pela confraria *Cattleya Alba* são raras como poucas também são as fontes capazes de fornecer informações mais substanciais sobre os anos em que se manteve ativa. O pouco a que se teve acesso para elaborar este estudo só foi possível graças às menções ligeiras encontradas em trabalhos acadêmicos, em alguns documentos do acervo do Museu da Chácara do Céu e no próprio exemplar de “A dama de espadas”. Elementos que indicam que ainda há muito por se pesquisar sobre ela.

Especificamente em relação à disciplina História do Livro e das Bibliotecas, ou simplesmente História do Livro, espera-se que o estudo ora socializado possa servir a dois propósitos elementares. Primeiro, como uma fonte para conhecer e para pensar a arte de produzir livros em terras brasileiras, portanto, revelando processos e produtos em contexto não estrangeiros e para além dos primórdios da imprensa, tal como tradicionalmente aludem os manuais dessa disciplina. Em segundo lugar, para estimular professores e estudantes dos cursos de Biblioteconomia, quiçá bibliófilos, a conduzirem pesquisas futuras e mais bem aprofundadas sobre as edições da *Cattleya Alba*, de outras confrarias e mesmo sobre “A dama de espadas”. Um livro em suporte de seda que, no século XX, se contrapõe à produção hegemônica de impressos em papel.

REFERÊNCIAS

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. Carpe Diem. In: NICOULIN, Martin; BOSSON, Alain (Dir.). **Brésil, pages de beauté**: merveilles du livre illustré brésilien (1944-1970) de la collection Ernesto Wolf. Fribourg: Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 2000. p. 73-92.

BATISTA, Denise Maria da Silva. **Museus Castro Maya**: de coleção privada a museu público. 121 f. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2012.

BOSSON, Alain. Nascimento e evolução do “livro de pintor” na edição bibliófila francesa. In: NICOULIN, Martin; BOSSON, Alain (Dir.). **Brésil, pages de beauté**: merveilles du livre illustré brésilien (1944-1970) de la collection Ernesto Wolf. Fribourg: Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 2000. p. 33-46.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados de capital cultural. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo, SP: Ática, 1983. p. 82-121.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, [2016]. Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214169/raymundo-ottoni-de-castro-maya>>.
Acesso em: 29 mar. 2016.

FARIA, Maria Isabel; PERICAO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KNYCHALA, Catarina Helena. A bibliofilia do Brasil pós-colonial: algumas produções marcantes. In: NICOULIN, Martin; BOSSON, Alain (Dir.). **Brésil, pages de beauté: merveilles du livre illustré brésilien (1944-1970) de la collection Ernesto Wolf**. Fribourg: Bibliothèque Cantonale et Universitaire de Fribourg, 2000. p. 47-60.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: Senac, 2011.

MARTINEZ BARRIOS, Vicente. A modernidade do livro de arte brasileiro: a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na coleção de obras raras da UnB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 17., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAP, 2008. p. 786-795.

PUSCHKIN, Alexandre. **A dama de espadas**. Rio de Janeiro: Tipografia Marques e Saraiva, [1945?].

SIQUEIRA, Vera Beatriz. O espelho da biblioteca: tempo e narrativa na coleção Castro Maya. **Palíndromo: Teoria e História da Arte**, n. 3, p. 55-79. 2010. Disponível em:
<http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/3teoria_hst_arte/3_palindromo_vera2.pdf>.
Acesso em: 15 fev. 2016.

| |
|--|
| Recebido em: 01 de setembro de 2016 Aceito em: 12 de setembro de 2017 |
|--|